



MEC/IBC/DTE/DDI
ANO I
NÚMERO 5
MAIO/2014



TROCANDO IDEIAS

CÃO-GUIA : PARCEIRO PARA AUTONOMIA

Todos nós podemos ter alguma noção das dificuldades de deslocamento e autonomia das pessoas cegas nas cidades e, no intuito de melhorar sua mobilidade urbana, dispomos de alguns métodos como o uso de bengala, de um acompanhante, ou de um cão-guia. O cão-guia é um dos tipos de cão de assistência, adestrado especificamente para guiar pessoas cegas ou com deficiência visual severa no deslocamento do dia a dia. Porém, existe uma grande falta de informação da sociedade sobre o uso desses cães, diversos problemas são relatados, alguns até noticiados pela mídia, principalmente no que se refere à entrada desses animais em estabelecimentos e transportes públicos.

A Lei Federal 11.126, sancionada no ano de 2005, dispõe sobre o direito da pessoa com deficiência visual de ingressar e permanecer em ambientes de uso coletivo acompanhada de cão-guia. Para divulgar essa lei federal, na cidade do Rio de Janeiro, foi sancionada em 25 de Abril de 2014 a Lei 5.737, tornando obrigatória nos estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços a manutenção de exemplar da Lei Federal 11126/2005, além de dar outras providências, como a determinação de punições para o não cumprimento da lei. A Lei 5.737/2005 é também conhecida como Lei Camila Alves. Camila Araújo Alves, de 24 anos, é cega desde os 14 anos devido a uma doença congênita. Por muitas vezes, ela passou por incidentes junto com seu cão-guia, a Pucca.

Apresentamos, então, neste número do Boletim do Centro de Estudos do Instituto Benjamin Constant, uma entrevista com Camila Alves, contando um pouco de sua história e também da situação atual do uso do cão-guia no Brasil.

Quais acontecimentos levaram a Lei 5737/2014 a ter o seu nome?

Hoje em dia, a tarefa de circular com um cão-guia pela cidade não é fácil. Temos pouquíssimos cães-guias no Brasil e, conseqüentemente, poucos na cidade do Rio de Janeiro. Quanto menos cães temos, menos informações a respeito circulam. Não é incomum a dificuldade diária de conseguir pegar um táxi ou entrar em alguns estabelecimentos comerciais com um cão-guia. Há quatro anos, quando ganhei a Pucca, a realidade era mais difícil do que hoje, todavia ainda enfrento alguns desafios. Nesses anos, acompanhada da Pucca, vivemos vários momentos difíceis, mas a lei foi escrita depois de não conseguirmos entrar em um restaurante em Copacabana, em 2010, quando saía do teatro acompanhada de vários amigos. Esse acontecimento tomou uma proporção nacional, que inspirou a criação da lei.

Como você acha que estão o adestramento e o uso de cães-guias no Brasil atualmente?

Pelo que tenho acompanhado, o treinamento do cão-guia no Brasil tem ganhado mais espaço. Conheço escolas de treinamento de cães no Rio, em São Paulo e no Sul, e provavelmente, existem outras. Mas precisamos também pensar em níveis mais amplos, precisamos pensar em formações de treinadores e também em multiplicadores deste trabalho. Ele ainda é muito restrito e localizado nas pessoas que o executam. Acredito que o que pode fazer esse trabalho crescer é criar um investimento para além do pessoal, um investimento institucional.

Os adestramentos acontecem com muito cuidado e qualidade, temos um índice de médio para baixo em termos de perdas de cães, e isso é muito bom. Temos muito pouco cães para tantas pessoas que desejam ter um, mas esse número vem aumentando a cada ano e isso já é muito importante.

Como se dá a aquisição de um cão-guia no Brasil?

Hoje, no Brasil, você precisa se inscrever nas escolas que treinam os cães e entrar na fila. Quando chegar a sua vez, você será chamado e começará a participar de um processo de compatibilidade de perfis. Isso é uma coisa que poucas pessoas sabem, mas um cão não serve para qualquer pessoa. Alguns critérios são levados em conta como a velocidade de andar do cão e da pessoa, o ritmo de vida que a pessoa leva e o ritmo que o cão pode acompanhar, isso sem sacrificar a vida do cão e da pessoa.

Quais os custos e cuidados para a manutenção de um cão-guia?

Não consigo medir exatamente os custos, eles variam por mês de acordo com as necessidades do animal. Às vezes, é necessário um exame em um mês, um remédio em outro, são necessidades que não são fixas. De qualquer maneira, o custo total é alto. Uma coisa interessante que aconteceu comigo foi que o Instituto Cão-Guia Brasil, que foi a instituição que me doou o cão, conseguiu para a Pucca uma rede de cuidados, uma espécie de patrocínio. Hoje, a Pucca recebe da Royal Canin a ração mensal e da rede Bicho Bacana e Patas e Penas as consultas necessárias, o banho semanal e também os remédios a preço de custo.

É uma política do Instituto criar essa rede de cuidados que facilitem o acesso ao cão-guia por parte de qualquer tipo de pessoas de qualquer classe social, não permitindo que esses cães fiquem restritos somente às

pessoas com deficiência visual da classe alta.

Os cães-guias precisam de cuidados, como banho semanais, vacinas e uma boa qualidade de vida para realizarem o seu trabalho sempre com qualidade. Quanto melhor for o cuidado, melhor será o trabalho desses animais.

Qual o grau de autonomia que o cão-guia lhe proporciona?

Hoje, com um cão-guia, eu me sinto mais à vontade para fazer sozinha uma série de coisas que não fazia antes, quando usava a bengala. Vou para o trabalho, vou ao banco, saio para o shopping, vou tomar um suco, fazer um lanche, fazer uma caminhada e, na maioria das vezes, posso escolher se quero ir sozinha ou com alguém.

A Pucca acha as entradas e as saídas dos lugares, acha escadas, elevadores, caixas eletrônicos, farmácia, e muitas outras coisas só pelos comandos de voz. Eu me sinto mais livre e mais segura andando com ela. Com a bengala eu precisava tocar os obstáculos para desviar deles, com a Pucca eu, às vezes, nem sei dos obstáculos, eu só preciso segui-la.

Como um cão-guia deve ser tratado durante o seu trabalho?

Um cão-guia está trabalhando quando está com o seu equipamento colocado. Isso vai acontecer na maioria das vezes que um cão-guia estiver na rua.

Em trabalho, um cão não pode receber carinho, não pode ser chamado, nem ser distraído de nenhuma outra maneira de sua função. Quando estiver com o equipamento, o cão também não pode comer nem brincar.

Ele tem seus horários bem cuidados pelos donos para preservar da melhor maneira o seu trabalho, sua vida e a vida da pessoa que ele guia.

SOCIALIZANDO CONHECIMENTOS

Neste número, a coluna Socializando Conhecimentos está um pouco diferente. Usualmente, procuramos mostrar pesquisas da área em questão desenvolvidas no Brasil. Porém, não foram encontradas pesquisas nacionais sobre cão-guia.

Para mostrar aos nossos leitores que esse campo pode produzir trabalhos de qualidade, selecionamos artigos estrangeiros mais recentes, resultado de uma busca no portal PubMed (<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed>), administrado pelo Instituto Nacional de Saúde dos EUA (NIH). Nossa intenção é mostrar que esse é um campo frutífero de pesquisa, mas ainda está em falta no Brasil.

 Kobayashi N., Arata S., Hattori A., Kohara Y., Kiyokawa Y., Takeuchi Y., Mori Y. (2013). Association of puppies' behavioral reaction at five months of age assessed by questionnaire with their later 'Distraction' at 15 months of age, an important behavioral trait for guide dog qualification. *Journal of Veterinary Medical Science*, 75(1):63-67.

 Arata S., Momozawa Y., Takeuchi Y., Mori Y. (2010) Important behavioral traits for predicting guide dog qualification. *Journal of Veterinary Medical Science*, 72(5):539-545.
Takeuchi Y., Hashizume C., Arata S., Inoue-Murayama M., Maki T., Hart B.L., Mori Y. (2009) An approach to



canine behavioural genetics employing guide dogs for the blind. *Animal Genetics*, 40(2):217-224.

Wiggett-Barnard C., Steel H. (2008) The experience of owning a guide dog. *Disability and Rehabilitation*, 30(14):1014-1026.

Ittyerah M., Gaunet F. (2009) The response of guide dogs and pet dogs (*Canis familiaris*) to cues of human referential communication (pointing and gaze). *Animal Cognition*, 12(2):257-265.

Wirth K.E., Rein D.B. (2008) The economic costs and benefits of dog guides for the blind. *Ophthalmic Epidemiology*, 15(2):92-98.

Gaunet F. (2008) How do guide dogs of blind owners and pet dogs of sighted owners (*Canis familiaris*) ask their owners for food? *Animal Cognition*, 11(3):475-483.

Fallani G., Prato Previde E., Valsecchi P. (2007) Behavioral and physiological responses of guide dogs to a situation of emotional distress. *Physiology & Behavior*, 90(4):648-655.

Kikkawa A., Uchida Y., Suwa Y., Taguchi K. (2005) A novel method for estimating the adaptive ability of guide dogs using salivary sIgA. *Journal of Veterinary Medical Science*, 67(7):707-712.

O QUE HÁ DE NOVO?

Pesquisadores criam ferramenta que faz cegos enxergarem com o ouvido

Projeto apelidado de “olho biônico” usa a mesma técnica dos morcegos. Ao encontrar obstáculos, ondas de ultrassom alertam para a distância do objeto.

Pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte criaram uma ferramenta importantíssima para deficientes visuais.

Cada degrau é um obstáculo a menos para Bruno Lima. A bengala é a única ferramenta que ele tem para andar com um mínimo de segurança nas ruas. Mas ela não evita os acidentes.

“Orelhão é um caso seríssimo, porque a bengala não consegue detectar a parte de cima do orelhão. Ela só consegue detectar o chão”, explica o professor Bruno Lima.

Vanessa já passou por situações mais graves. “Fui acidentada em dois bueiros: um na universidade, outro próximo à minha casa. Ao chegar, caí, me machuquei, arranhou as pernas e a cabeça também bateu, na hora que eu caí”, lembra a funcionária pública.

Em Natal, como na maioria das cidades do Brasil, a situação das calçadas é esta: tem carro estacionado em local onde só deveria ter pedestre, tem calçada desnivelada. Uma delas foi transformada em escadaria. Isso sem falar nos buracos, nos postes, enfim, diversos problemas que são difíceis de ser combatidos.

Mas um grupo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte resolveu ajudar os deficientes visuais a enxergar estes problemas de outra forma.

O primeiro teste foi num estúdio, com obstáculos que simulam situações encontradas na rua.

O projeto, apelidado de “olho biônico” usa a mesma técnica dos morcegos, que emitem ondas de ultrassom. Ao encontrar obstáculos, essas ondas retornam. Com base no tempo desse retorno, é possível calcular a distância até o objeto.

O sistema utiliza três sensores: um instalado na aba do boné. Outro na altura da cintura, na própria bengala; e o terceiro na ponta da bengala.

“Ele pega aquela emissão de som e transmite esse sinal para o sensor auditivo do deficiente visual, orientando ele sobre a distância, se é um buraco, a que distância está esse buraco”, explica Ricardo Valentim, coordenador do projeto.

Um aplicativo, instalado no celular, emite os alertas sonoros. Levamos o equipamento para rua. Durante a caminhada a pessoa escuta mensagens diferentes. O resultado surpreendeu.

“Eu estou até emocionada, sabe, assim, de perceber que a gente vai poder andar na rua sem se machucar”, afirma Vanessa da Silveira, funcionária pública.

E os pesquisadores disseram que gastaram um total de R\$ 60 para desenvolver esse primeiro aparelho.

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional>

 A pesquisa “Desenvolvimento mobiliário urbano com abordagem em tecnologia assistiva” tem como objetivo específico “gerar alternativas de produtos que possibilitem melhor qualidade de vida ao deficiente visual”. Participam do projeto Emanuelle R. Fonteneles, Flávia G. G. Borges e Thamiris B. Ribeiro, graduandas do curso de Desenho Industrial da UFF.

 “A inclusão dos deficientes visuais no mercado de trabalho” é o tema da pesquisa de Natália S. F. da Rosa, aluna do curso de graduação em Psicologia da UFRJ. São objetivos específicos do estudo: (1) identificar a percepção desse público-alvo sobre o processo de inclusão profissional; (2) caracterizar as possibilidades de escolha dos deficientes visuais por uma profissão.

 Rafael de C. Oliveira, graduando do curso de Engenharia de Produção da UERJ, realiza pesquisa sobre “O processo de confecção e distribuição dos livros didáticos em Braille do Instituto Benjamin Constant”.

A investigação de caráter exploratório objetiva “mapear cada processo que envolve o macroprocesso da produção dos livros didáticos em Braille”.

 Arheta F. de Andrade, doutoranda do curso de Artes Cênicas da UNIRIO, aborda o tema “Arte e Surdocegueira: investigações poéticas”. De acordo com a autora, a pesquisa destina-se a: “(1) Desenvolver reflexões sobre a surdocegueira a partir da perspectiva da beleza; (2) contribuir para a ampliação e o enriquecimento dos modos de conceber, fazer e fruir arte”.

 “Método preliminar de avaliação de acessibilidade web através da identificação de itens críticos com a participação de usuários com deficiência visual total” é a pesquisa elaborada por Letícia S. Pereira, mestranda do curso de Informática da UNIRIO. O estudo pretende “a partir de um levantamento bibliográfico, de uma classificação e priorização com especialistas e uma posterior validação feita com observações de usuários com deficiência visual total, elaborar uma lista de

pontos críticos em avaliações de acessibilidade web, a fim de apoiar uma avaliação preliminar de acessibilidade web”.

 “O Design de superfície no campo expandido: superfícies táteis como orientação de mobilidade” é o título da pesquisa de Maria Emilia Cabral, aluna do curso de Bacharelado em Design de Superfície da Faculdade SENAI CETIQT. A investigação objetiva “Desenvolver um projeto de superfícies táteis para deficientes visuais, através de sistemas comunicacionais que possibilitem a orientação da mobilidade”.

 Elizabeth Motta Jacob, graduanda do curso de Comunicação Visual da UFRJ, desenvolve pesquisa sobre o tema “Desenvolvimento de um livro-objeto com apelo sensorial dirigido ao público deficiente visual”. A ideia central do projeto é “levar para os cegos e videntes uma experiência gráfica-sensorial (imagética) através de um livro em braille que aborde a literatura sensorialmente utilizando texturas”.

EXPEDIENTE

Direção Geral do Instituto Benjamin Constant
Maria Odete Santos Duarte

Gabinete do Instituto Benjamin Constant
Maria da Gloria de Souza Almeida

Departamento Técnico Especializado
Ana Lúcia Oliveira da Silva

Divisão de Pesquisa, Documentação e Informação
Claudia Lucia Lessa Paschoal

Centro de Estudos e Pesquisas
Allan Paulo Moreira dos Santos
Angélica Ferreira Beta Monteiro
Fabiana Alvarenga Rangel
Márcia de Oliveira Gomes
Rachel Maria C. M. de Moraes

Comissão Editorial
Daniele de Souza Pereira
Morgana Ribeiro dos Santos
Paolla Cabral Silva Brasil
Rodrigo Agrellos Costa
Vitor Alberto da Silva Marques

Diagramação
Domingos Octávio D.F. Souza
Jornalista responsável
Domingos Octávio D.F. Souza

Contatos IBC - DDI
Avenida Pasteur, nº 350,
Urca-RJ
Rio de Janeiro
CEP: 22290-240
tel. (21) 3478-4517

Email:
ddicentrodeestudo@ibc.gov.br
Tiragem
300 exemplares

Remetente:



Instituto Benjamin Constant

Avenida Pasteur, nº 350,
Urca-RJ
Rio de Janeiro
CEP: 22290-240

Destinatário:

